

# O CRISTÃO E A POLÍTICA

Permitam-me lhes falar, embora de forma rasa e expressando uma posição pessoal, deste assunto tão marginalizado por todos. Marginalizado não sem razão de ser. Todos os que têm o mínimo de consciência sociopolítica estão profundamente horrorizados com o cenário político brasileiro que, embora seja histórico, por meio de ações como a Lava Jato, tem revelado toda a sua imundície: corrupção generalizada (mata mais do que tudo), compras de votos, crime organizado, manipulação midiática, negação da verdade, votações vergonhosas, agressões ao povo e aos reais trabalhadores.

Todavia, tendo uma decepção com um filho, nós não desistimos dele simplesmente. A política deveria ser uma arma de transformação por meio de reais representantes, ou seja, por meio de pessoas que, de fato, representassem nossas vontades, pensamentos e valores.

Mas o que fazer quando até os políticos “evangélicos” nos envergonham? Devemos desistir de tentar colocar nossos representantes no poder? Devemos marginalizá-los também, como “tudo farinha do mesmo saco”? Certamente que não! E respeito quem pensa diferente. Temos que continuar tentando nos fazer representar por meio de defensores dos princípios cristãos!

Outro dia participei de uma reunião com um líder de uma grande denominação aqui de Brasília e achei sua proposta dele realmente interessante. Ele, falando do cenário tão agressivo contra a igreja cristã, destacou **a importância de “ocuparmos” lugares de autoridade em toda a sociedade**: reitores de universidades, diretores de escolas, secretários de educação e cultura, juizes, desembargadores, ministros do STF, deputados, senadores, prefeitos, governadores, presidente etc. Isto com um propósito apostólico, ou seja, a fim de que **a igreja “ocupe” e “influencie”**.

Este líder nos convidou para uma aliança estratégica, não em favor de um ou outro candidato, mas a fim de sabatinarmos todos os futuros candidatos que se dizem comprometidos com a causa cristã, para que sondemos: qual seja seu real caráter, seus reais interesses (meramente particulares ou denominacionais ou, de fato, em favor do Reino); sua maturidade e experiência de vida cristã e seu testemunho; sua capacidade de realizar, de gerir, de reagir, de trabalhar; sua coragem para enfrentar toda esta ideologia perversa que vemos; sua real capacidade de lograr êxito em uma campanha... Enfim, aspectos realmente importantes. Tudo isto a fim de que nosso povo possa conhecer algumas “opções” minimamente investigadas. Não que isto nos isentará de decepções. Mas certamente nos ajudará a decidir e a cobrar compromissos assumidos.

Mais uma vez ratifico que entendo a quem pense diferente. Alguns estão profundamente desiludidos com representantes “evangélicos”. Não é para menos. Mas seria injusto – e não podemos ser – generalizar todas as pessoas,

nem todas as suas ações. Não podemos nos esquecer do poder de resistência que a “bancada evangélica” tem representado; do combate ferrenho a propostas de leis, decretos e ideologias iníquas; do uso das tribunas para denunciar o pecado e as ofensas ao povo cristão e à maioria conservadora; de como estes políticos tem sido odiados pelos ímpios e pela mídia babilônica – daí, nos juntaremos aos perversos contra estes que defendem nossos valores, mesmo que em parte?!?

É condenável e pouco inteligente julgarmos políticos cristãos por uma ou outra ação isolada, quando se quer sabemos as circunstâncias que envolvem certas decisões. Alguém já parou para pensar nos estratégias e alianças de Davi no período em que foi perseguido por Saul. Não estou defendendo os “meios” quaisquer que sejam eles, mas vivemos num cenário de profundas trevas em que **“a luz precisa ser aumentada; não apagada por ser fraca!”**

Respeito ainda, embora discordando, dos que creem no “quanto pior, melhor” – talvez até eu já tenha me equivocado com este raciocínio. Consideram que tem que ser assim mesmo, que a igreja deve ser perseguida logo (se estivessem na pele de quem é realmente perseguido, mudariam de postura) e que isto tudo antecipará a volta de Jesus. São profetas do Apocalipse. Realmente não deve haver anseio maior na igreja do que a volta do Nosso Salvador. Mas entendam: **“enquanto aqui estivermos devemos ser o sal que conserva e a luz que combate e incomoda as trevas.”**

Temos que ter homens e mulheres como Moisés, criado nos palácios com propósitos voltados para o Reino; como Daniel, que influenciou toda a cultura e crença babilônica; como Ester, que foi usada para mudar decretos de morte; como José, que governou com sabedoria e justiça; e como Paulo, que exigia seus direitos como cidadão! Verdade é que nenhum deles foi candidato; raciocínio mais raso ainda que minhas colocações, pois temos que considerar que, hoje, o Senhor abençoa nosso país com o poder do voto, com a possibilidade de escolhermos, de decidirmos quem nos representará. Não abramos mão deste privilégio, pois muitos cristãos perseguidos sonham com esta possibilidade em outras nações.

As campanhas de 2018 estão chegando. Vamos buscar a Deus para que Ele nos dê opções realmente cristãs – e que, para Presidente, não nos reste apenas escolher o “menos pior”, tão pouco, que se eleja mais uma vez partidos contrários aos valores cristãos. Mas vamos também agir e, ao invés de discriminar preconceituosamente cristãos que queiram ocupar as Côrtes, vamos investiga-los, questioná-los, prová-los e, sendo o caso, com inteligência, santidade e visão de Reino, apoiá-los.

Que Nosso Deus se compadeça de nossa nação!

**Pr. Marcos**

**Quando os justos governam, alegra-se o povo; mas quando o ímpio  
domina, o povo geme. Pv.29:2**